

GÊNERO CHARGE: HUMOR E A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NO FACEBOOK.

José Luan Sousa Oliveira¹
Leonildes Pessoa Facundes²

RESUMO: Percebendo o avanço contínuo das tecnologias e o acesso cada vez mais amplo da sociedade ao mundo virtual, e principalmente às redes sociais, objetivamos nesse trabalho analisar a construção da subjetividade em funcionamento nas sociedades a partir dos conteúdos e significados que vão sendo produzidos no jogo da linguagem na mídia, bem como os sentidos dados a eles. Para isso, apropriamo-nos do gênero discursivo charge e as marcas das subjetividades dos sujeitos enunciativos divulgadas no *Facebook* por meio dos comentários. Para fins metodológicos, coletamos as charges e os comentários/enunciados publicados na página Humor Inteligente. Embasamo-nos teoricamente em Bakhtin (1997) para os gêneros do discurso, Araújo & Leffa (2016) para pesquisa das redes sociais; Rojo & Barbosa (2015) para Hipermodernidade e Gêneros discursivos, Possenti (2014) para a linguagem humorística, Amaral et al (2013), Orlandi (2007), Brandão (2012) para Análise do Discurso e Benveniste (2005) para subjetividade, entre outros. Os resultados revelam-nos que os componentes do gênero discursivo charge como a ironia, inteligência, sagacidade e humor, contribuem para a construção da subjetividade dos usuários que ao produzirem os efeitos de sentido comentam/enunciam marcando linguisticamente (ou não) a sua subjetividade. Isso comprova o pensamento de Benveniste (1958) sobre a linguagem ser a possibilidade da subjetividade.

PALAVRAS-CHAVES: Charges. Discurso. Subjetividade.

1 Introdução

A charge é um gênero discursivo que costumeiramente vem estampado em seções específicas de jornais impressos (ou digitais). Ao lerem, os sujeitos receptores fazem a produção dos efeitos de sentido consigo mesmo e a opinião do chargista é a única que fica marcada, visto que não há espaço para respostas ao conteúdo proposto pela charge.

Percebendo isso e pensando na construção dialógica dos sentidos, adentramos nos ambientes virtuais a fim de observarmos como as charges são veiculadas e como são recebidas pelo público alvo. Com isso, o nosso trabalho se justifica pela necessidade de analisar como os sujeitos receptores se posicionam frente à proposta das charges.

Visto isso, o presente trabalho que tem por título “Gênero Charge: Humor e a construção de subjetividade no *Facebook*” busca analisar a

¹ Graduando do curso de Letras Português pela UEMA. Pesquisador no Núcleo de Pesquisa em Literatura e Linguagem (LITERLI). Atua na área de Estudos da Linguagem. Email: sousaluan527@gmail.com

² Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos/UFSCar e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí/UFPI. Email: leonildespessoa@gmail.com

construção da subjetividade em funcionamento nas sociedades a partir dos conteúdos e significados que vão sendo produzidos no jogo da linguagem na mídia, bem como os sentidos dados a eles.

Esse trabalho apoia-se metodologicamente em uma perspectiva bibliográfica e qualitativa. Tendo como objeto de estudo as charges e os comentários dos sujeitos que interagem na rede social *Facebook*. Optamos por essa rede social por questões de alcance e popularidade.

Ao analisarmos a construção das subjetividades no *Facebook* percebemos que os componentes do gênero discursivo charge como, por exemplo, humor, sagacidade, ironia e crítica despertam nos sujeitos o desejo de instaurar a sua subjetividade. Há uma pulsão virtual no sujeito para dizer o que pensa. E esse dizer está relacionado às vivências, ideologia, subjetividade.

Faz-se necessário, ainda, dizermos que o presente artigo é um recorte feito da nossa pesquisa intitulada “Discursividades Midiáticas: As marcas de subjetividade nas charges” fomentada pela FAPEMA em nível de PIBIC.

2 Gênero discursivo charge: humor e acontecimento

Mikhail Bakhtin foi o responsável por introduzir um estudo sobre gêneros discursivos. Nas suas discussões ele afirma que em todas as esferas da atividade humana há a presença de enunciados (escritos ou orais) para materializar o uso da língua(gem) pelo homem. Esses enunciados possuem características específicas para atender certas situações comunicativas.

Bakhtin (1997, p. 279) afirma que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”. Os gêneros discursivos são, assim, tipos de enunciados que emergem das esferas da atividade humana e se organizam de forma composicional, estilística e temática.

A charge é um gênero discursivo que emerge da esfera jornalística. Ela apresenta de forma crítica e humorada os assuntos que ganham notoriedade dentro da sociedade, e respectivamente nas mídias (redes sociais, rádio, tv...). “As charges, por exemplo, são tipicamente relativas a fatos ‘do dia’. Apenas eventualmente, e raramente, têm como pano de fundo acontecimentos menos instantâneos, como uma campanha eleitoral”. (POSSENTI, 2014, p. 27).

Esses ocorridos sociais que permeiam o dia a dia e são postos nas charges trazem para nossa pesquisa a noção de acontecimento (de ordem histórica, social). Ao tratarmos disso nos reportamos para a Análise do Discurso (AD) de perspectiva francesa que nos oferece suporte teórico para analisarmos como os discursos que são vinculados nas charges surgem.

A noção de acontecimento é um dos elementos fundamentais na construção das charges, pois gera conteúdo para os chargistas. Em AD temos as *condições de produção*. Esse termo é utilizado pelos analistas do discurso para determinar e analisar as condições sociais, históricas e ideológicas na qual um discurso está inserido. As charges emergem de condições de produção discursivas.

Sobre isso Orlandi (2007, p. 30) diz que “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”.

Além de fatos do cotidiano, o gênero charge possui outros elementos característicos como humor, crítica, sagacidade e ironia. A mensagem é passada ao receptor de maneira cômica e crítica ao mesmo tempo. Possenti (2014, p. 175) afirma que “pode haver manifestações humorísticas no interior de todos os tipos de texto (dos tratados aos ensaios, da *Bíblia* aos romances)”. Dentro das charges o humor é um elemento que aproxima o leitor do *tema*. Com isso, o (possível) ato de rir do receptor é intercalado com o ato de refletir criticamente.

Elementos verbais e não verbais também fazem parte da construção do gênero charge. Todos esses elementos citados são harmonizados pelo chargista a fim de marcar criticamente um ponto de vista sobre determinado assunto. Anteriormente falamos que os gêneros discursivos são construídos de forma composicional, estilística e temática. Desses três elementos o *tema* requer uma atenção especial, pois ele vincula o sentido de um enunciado (no nosso caso, da charge).

O *tema* configura na parte mais importante para entendermos o valor de sentido de um gênero³. À luz dos estudos Bakhtinianos, Rojo e Barbosa (2015) dizem que:

[...] Para o Círculo de Bakhtin, ele é mais que meramente o conteúdo, assunto ou tópico principal de um texto (ou conteúdo temático). O tema é o conteúdo inferido com base na apreciação de valor, na avaliação, no acento valorativo que o locutor (falante ou autor) lhe dá. É o elemento mais importante de um texto ou enunciado: um texto é um todo construído (composto e estilizado) para fazer ecoar um tema. (ROJO E BARBOSA, 2015, p. 87).

Sendo assim, podemos afirmar que o tema é estabelecido pelo enunciador. E o *tema* de uma charge é definido pelo chargista que ao selecionar o assunto que será abordado, as palavras e os desenhos ele constrói e marca um sentido que parte mais da sua visão ideológica.

Quando as charges são publicadas nas redes sociais o *tema* proposto pelo chargista pode ser refutado, confrontado ou aceito. Uma vez que segundo Araújo e Leffa (2016) esses espaços são públicos e abarcam diversas maneiras de pensar.

No âmbito da mediação por computador, muitas das materialidades das falas dos atores podem desvelar ideologias presentes e legitimadas pelas interações na sociedade. As trocas linguísticas nos espaços públicos mediados também são reflexos das relações de poder simbólico. (ARAÚJO; LEFFA, 2016, p. 20)

Nas redes sociais os sentidos vão sendo construído de forma dialógica. O chargista não pensará sozinho, outros sujeitos marcarão a sua subjetividade. E o gênero discursivo charge provoca nos sujeitos o desejo de marcarem a sua subjetividade.

3 Facebook: interação e subjetividade

Muito se tem discutido a respeito das novas tecnologias e o papel que elas podem e vem cumprindo dentro da sociedade. A cada dia as mídias digitais vão ganhando novas funcionalidades, novas ferramentas, novas

³ Seguimos aqui a definição dada por Bakhtin (1997) sobre gêneros discursivos.

atualizações, e claro, novas linguagens, e logo, novas formas de se comunicar.

Rojo e Barbosa (2015) afirmam que o advento da web 2.0 (web interativa) trouxe mais liberdade para as pessoas que utilizam constantemente as mídias digitais. Essa tecnologia acabou com a concepção de produtores que fornecem material para leitores. Uma via de mão única. Agora todos podem produzir o seu próprio material, exercendo assim os dois papéis ao mesmo tempo.

Nesta web 2.0, são principalmente os usuários que produzem conteúdos em postagens e publicações, em redes sociais como Facebook, Twitter, Tumblr, Google+, na Wikipédia, em redes sociais como YouTube, Flickr, Instagram etc. A medida que as pessoas se familiarizaram com a web 2.0, foi possível a marcação e etiquetagem de conteúdos dos usuários que abrem caminho para a próxima geração da Internet: web 3.0, a dita internet “inteligente”. (ROJO E BARBOSA, 2015, p. 119).

Os sites de redes sociais dispõem de um amplo espaço para a participação ativa dos usuários. Araújo e Leffa (2016) nos mostram que os sites de redes sociais se tornaram espaços públicos pelo fato de serem abertos e comuns a todos. “Sites de rede social (SRS) são frequentemente apontados como novas esferas públicas na acepção de Habermas (1989), principalmente pela criação do espaço comum e pela abertura cada vez mais ampla à participação”. (ARAÚJO; LEFFA, 2016, p. 18)

Essa abertura faz emergir, a partir do material produzido pelos usuários dentro das redes sociais, diversas ideologias, valores e conceitos que cada um tem como sua verdade. Os usuários são livres para darem o seu posicionamento sobre assuntos que ali são veiculados.

O *Facebook* é uma rede social amplamente conhecida. Criado em 04 de fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg e alguns amigos o *Facebook* foi atraindo para si diversos públicos, aumentando a quantidade de usuários e se tornando uma das maiores redes social do mundo.

Em nossa pesquisa vemos o *Facebook* como um espaço de interação onde os usuários transportam as suas vivências, conceitos e subjetividade para o material que produzem, evocando, assim, a subjetividade de cada usuário.

Essa rede social oferece diversas funções para os usuários como, por exemplo, a criação de um perfil virtual-social que lhe dá a oportunidade de publicar fotos, vídeos e textos, além de poder curtir, comentar e compartilhar publicações que lhes agradam. Dentre as funções citadas o que nos interessa são os comentários.

O ato de comentar as publicações dá aos usuários o poder de desvelar as suas ideologias e marcar linguisticamente a sua subjetividade, por isso para Maingueneau (2015) esses novos espaços que permitem manifestações linguísticas não estão somente a serviço da comunicação verbal, longe disso, eles podem modificar o que entendemos por discurso e mostrar as construções sociais e subjetivas dos usuários.

Nessa perspectiva, as novas tecnologias da comunicação não são apenas instrumentos a serviço de uma comunicação verbal que permaneceria fundamentalmente inalterada: elas modificam a materialidade do que se entende por “discurso”, com tudo o que isso implica em termos de relações sociais e de construção de subjetividade. (MAINGUENEAU, 2015, p. 170)

A noção de subjetividade estudada na nossa pesquisa advém dos postulados de Benveniste, importante linguista da enunciação. Nos seus estudos ele discorre sobre a relação homem e linguagem pontuando que através da língua o homem marca a sua subjetividade. Ele afirma que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”. (BENVENISTE, 2005, p. 286).

O que interessa aqui é analisar o que tem de “eu” em um enunciado. O “eu” diz respeito ao dono do enunciado, logo teremos as impressões pessoais do sujeito sobre o assunto posto para discussão. Segundo Benveniste (2005) o pronome “eu” é o fundamento da subjetividade, “Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo status linguístico de “pessoa””. (BENVENISTE, 2005, p.286).

O pronome “eu” refere-se à pessoa que enuncia e esse “eu” é único. Benveniste (2005) em “A natureza dos pronomes” diz que:

[...] as instâncias de emprego de “eu” não constituem uma classe de referência, uma vez que não há ‘objeto’ definível como eu ao que possa remeter identificamente essas instâncias. Cada “eu” tem a sua

referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal. (BENVENISTE, 2005, p. 278).

Nas nossas análises atentaremos para o “eu” subjetivo de cada comentário/enunciado. A fim de analisar a construção subjetiva de cada usuário frente às charges.

4 Processos metodológicos

A pesquisa desenvolvida é de cunho bibliográfico e qualitativo. O objeto de estudo é o gênero discursivo charge e os comentários que são feitos após a compreensão e a produção dos efeitos de sentido dentro da rede social *Facebook*.

Para a formação do *corpus* da pesquisa coletamos 03 charges e 15 comentários na página⁴ Humor Inteligente. Escolhemos essa página dentro do *Facebook* pelo fato de apresentar muitas postagens do gênero charge e muitos comentários. Outro fator que nos motivou na hora da escolha foi alcance da página, pois ela conta com atualmente com 3.279.313 curtidas e 3.250.163 seguidores.

Utilizamos como critérios para a seleção das charges o maior número de comentários e assunto voltado para a política. No que diz respeito às análises, primeiro fizemos uma análise da charge destacando os aspectos verbais e não verbais que contribuem para a compreensão do assunto proposto, as condições de produção, depois passamos para a análise das subjetividades nos comentários.

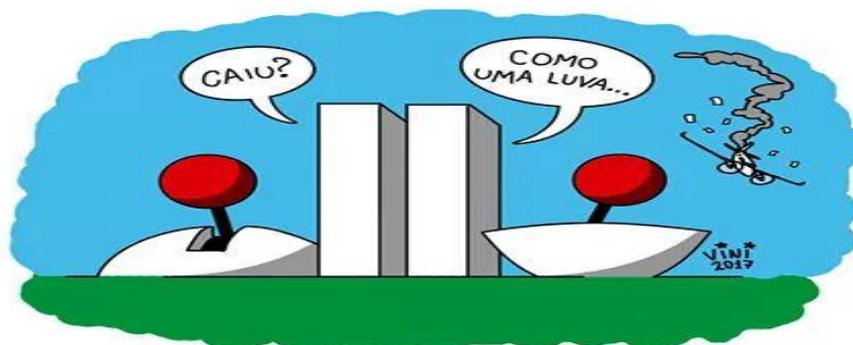
Os comentários foram selecionados levando em consideração o tamanho e as marcas de subjetividade. Por questões de metodologia e análise enumeramos os comentários. Outro ponto importante sobre os comentários é que não faremos menção do nome dos autores dos comentários, pois o nosso foco de análise são as materialidades linguísticas que carregam as marcas subjetivas dos seus enunciadorees. Por isso usaremos a palavra sujeito.

⁴ Página é o termo utilizado para denominar o espaço reservado para a veiculação de determinado conteúdo em específico. Por exemplo, a vida diária de um cantor, um portal de notícias, culinária, saúde etc. Na nossa pesquisa escolhemos uma página que publicasse charges.

5 Resultados e discussões

CHARGE 01

*NO BRASIL, TORRES GÊMEAS
DERRUBAM AVIÕES...*



Fonte: www.facebook.com.br/humorinteligente

A charge 01 foi publicada no dia 20 de janeiro de 2017. Um dia antes o então Ministro do Supremo Tribunal Federal, Teori Zavaski, sofreu um acidente aéreo que resultou na sua morte. O acidente foi bastante discutido nas redes sociais e na imprensa, e como as charges surgem dos acontecimentos do dia a dia, esse assunto não passou despercebido pelos chargistas.

Primeiramente, analisemos a charge nos seus aspectos verbais e não verbais. O que vemos é a representação do Congresso Nacional Brasileiro de uma forma bem peculiar. As estruturas físicas do Congresso e do Senado Federal ganham um novo molde, ambos se tornam controles de vídeo games.

O título “No Brasil torres gêmeas derrubam avião” e o diálogo “Caiu?” “Como uma luva...” propõem a noção de interdiscursividade. O chargista retoma um discurso proferido nos EUA em 2001 só que remodelando e ressignificando para outro propósito de sentido de acordo com as condições de produção. Percebemos isso pelo fato de que nos EUA as torres gêmeas sofreram o ataque e no Brasil as “torres” provocaram o ataque. Com relação a isso, Brandão (2004) diz que:

[...] na medida que retiramos de um discurso fragmentos que inserimos em outros, fazemos com essa transposição mudar as condições de produção. Mudadas as condições de produção, a significação desses fragmentos ganha nova configuração semântica. (BRANDÃO, 2004, p. 96)

É interessante também dizer que o diálogo posto entre as “torres” traz um ditado popular, mas também aplicado para outro sentido. O verbo “cair” faz alusão a queda do avião (que despenca ao fundo da charge) e a um possível plano elaborado.

Entre os comentários que surgiram após a charge selecionamos os seguintes:



Quadro feito pelo autor. **Fonte dos comentários:** www.facebook.com.br/humorinteligente

O sujeito do comentário 1 faz uma análise da charge como piada que não é simplesmente ácida. Ácida no sentido de não ser agradável, que corroí, mas uma probabilidade ou possibilidade de ser verdade o que enunciado, e faz um alerta “abram os olhos...”. Já o sujeito do comentário 2 marca a sua subjetividade com um ar de humor ao dizer: “...ops... queda de arquivos...”.

No 3 o sujeito constrói o seu comentário usando termos da própria charge fazendo uma reflexão com uma sugestão de humor “...derrubar as torres da ambição”. A ambição no sentido da ganância do poder pelo poder.

É importante fazer uma observação sobre o comentário 2 e 3. Ambos marcam a subjetividade usando humor. Possenti (2014) diz que os indivíduos

que leem textos humorísticos devem estar atentos as técnicas do discurso humorístico, pois haverá sempre alusões, trocadilhos, ambiguidade entre outros. O que vemos são sujeitos que estão atentos a essas características a ponto de usarem elas para enunciar e marcar a subjetividade.

O sujeito do comentário 4 se posiciona bem diferente dos outros, pois vai de encontro com a proposta da charge. Isso nos mostra que nem sempre o que o chargista quer propor será acatado pelo receptor, mas isso não implica na produção de efeitos de sentidos, pois para ele enunciar contra o *tema* da charge primeiro ele produz os efeitos de sentidos e a partir daí traz enuncia de acordo com a sua própria subjetividade.

Em suma, vemos que os usuários fazem a leitura da charge munidos de informações linguísticas e extralinguísticas destacando o contexto de produção da charge produzindo, os efeitos de sentido e assim se posicionando levando em consideração a sua subjetividade.

CHARGE 02



Fonte: www.facebook.com.br/humorinteligente

A charge foi publicada no dia 18 de março e para compreendermos temos que situá-la em um dado contexto histórico e social (condições de produção). Ela foi gerada a partir da repercussão da notícia sobre a exportação e o consumo de carne estragada no Brasil. A operação que investigava os

envolvidos no esquema de fraude ficou conhecida como “Operação carne fraca”. O assunto perdurou durante várias semanas.

Fazendo a leitura da charge podemos ver que a cliente chega ao açougue e pede um tipo de carne bovina chamada de fraudinha, o açougueiro por sua vez pergunta se fraudinha (remetendo ao caso da fraude da carne) serve. O humor da charge está posto justamente no jogo semântico proporcionado pelos homófonos fraldinha e fraudinha, pois são palavras que têm o mesmo som, mas a escrita e significado diferentes.

O trocadilho semântico carrega o humor da charge. Possenti (2014, p. 28) ao falar sobre textos humorísticos e aqui atentamos para o humor da charge, diz que “em todos os casos, ou muito geralmente, textos humorísticos supõem que o leitor perceba algum jogo de linguagem (um duplo sentido, um deslocamento, etc.)”.

Entre os comentários que surgiram após a charge selecionamos os seguintes:

The image displays five numbered screenshots of Facebook comments. Each comment is presented in a light gray box with a white background for the text. The comments are as follows:

- 1**: Douglas Silvério: Formol no leite, pêlo de rato em refrigerante e papelão na carne... Só me resta concluir que o brasileiro é imortal... (171 likes, 15 Respostas)
- 2**: Umbelina Costa: BOA... imortal e sem vergonha prq o povo q gosta do q e errado... adoram tirar proveito em tudo... Por isso q lá fora (exterior) a nossa fama n e boa... (3 likes)
- 3**: Cibele Dias: Não tanto assim, as consequências estão aí... Só reparar no índice de doença, como tem aumentado. Infelizmente. (6 likes)
- 4**: Silvia Nembri: Faltou os pombos espremido na cerveja skol e CIA. Você não viu o vídeo ainda? Ainda bem que nunca gostei dessas marcas da Ambev. (1 like)
- 5**: Anna Daniels: kkkkk com certeza o É... para sobreviver a ""tantas"". Livro dos recordes! (1 like, Editado)

Quadro feito pelo autor. Fonte dos comentários: www.facebook.com.br/humorinteligente.

Após produzir os efeitos de sentido o sujeito do comentário 1 começa o seu comentário pontuando outros casos de fraudes onde produtos que são consumidos com grande frequência também tiveram alterações maléficas à saúde do ser humano. Ao usar o pronome “me” quando diz: “Só me resta concluir [...]”, ele particulariza o seu comentário e marca a sua subjetividade. O pronome “me” referisse ao “eu” que fala, logo, de acordo com Benveniste (2005), “eu” é o pronome indicador de subjetividade.

O *Facebook* disponibiliza aos usuários a opção de responder⁵ diretamente a um determinado comentário. Os outros comentários que seguem (2, 3, 4 e 5) são respostas ao comentário 1 com base na charge.

Nesse ponto podemos perceber o aspecto dialógico na construção de sentido. À luz dos estudos bakhtinianos, Pucci (2013) diz que o diálogo não necessariamente será face a face. E com o avanço das tecnologias as interações dialógicas fogem do eixo face a face.

Vimos que o enunciado concreto constitui-se na interação entre interlocutores. Essa interação, no entanto, precisa ser ainda esclarecida: não se trata sempre de um diálogo face a face, ou de um endereçamento explícito de minha fala ou escrita a alguém: quando falamos, sempre nos dirigimos a outro, ainda que não saibamos quem esse outro é; [...]. (PUCCI,2013, p. 52)

O que vemos nesse ponto é que as redes sociais também apresentam a função responsiva. Os comentários são postos e cabe aos usuários decidir se vão ou não comentar sobre outro comentário.

O sujeito do comentário 2 concorda com o comentário 1 e acrescenta dizendo que o povo brasileiro gosta do que é errado, por isso a visibilidade no exterior não é boa. O posicionamento subjetivo desse sujeito vem marcado pelo pronome possessivo “nossa”. Ao dizer “nossa” o sujeito inclui outros sujeitos no seu enunciado, a fim de responsabilizá-los. Pereira (2010) diz que:

Essa pluralidade de responsáveis, entre os quais se coloca o próprio locutor, é possível pela ocorrência do plural inclusivo de 1ª pessoa do verbo. Trata-se de uma estratégia semântico-argumentativa bastante peculiar, que possibilita convencer o outro (interlocutor) através da própria inclusão do locutor, na enunciação. [...] (PEREIRA, 2010, p.39)

⁵ É importante ressaltarmos que o ato de responder no *Facebook* não está ligado a perguntas, mas sim com a liberdade que os usuários têm de comentarem diretamente sobre o outro comentário, seja concordando ou discordando.

Para o sujeito do comentário 3 o sujeito do comentário 1 não foi tão feliz ao opinar e justifica o porquê. Ele marca a sua subjetividade ao dizer “infelizmente” trazendo assim uma apreciação valorativa sobre o enunciado e sobre o caso em questão.

No comentário 4 vemos que o sujeito acrescenta marcas de produtos de forma negativa. Ao dizer “nunca gostei” o sujeito marca a sua subjetividade e se coloca fora do eixo de pessoas que foram afetadas pelo consumo de produtos produzidos pela empresa Ambev, sendo assim ele tem respaldo para criticar a empresa.

Em 5 temos um sujeito que concorda com o comentário 1 ao dizendo “com certeza”. E de forma sarcástica o sujeito sugere a adição dos brasileiros no livro dos recordes. Nesse enunciado não temos marcas de subjetividade. Mas o comentário parte de um “eu” que usa a língua para opinar. Mesmo não havendo marcas, temos subjetividade.

CHARGE 03:



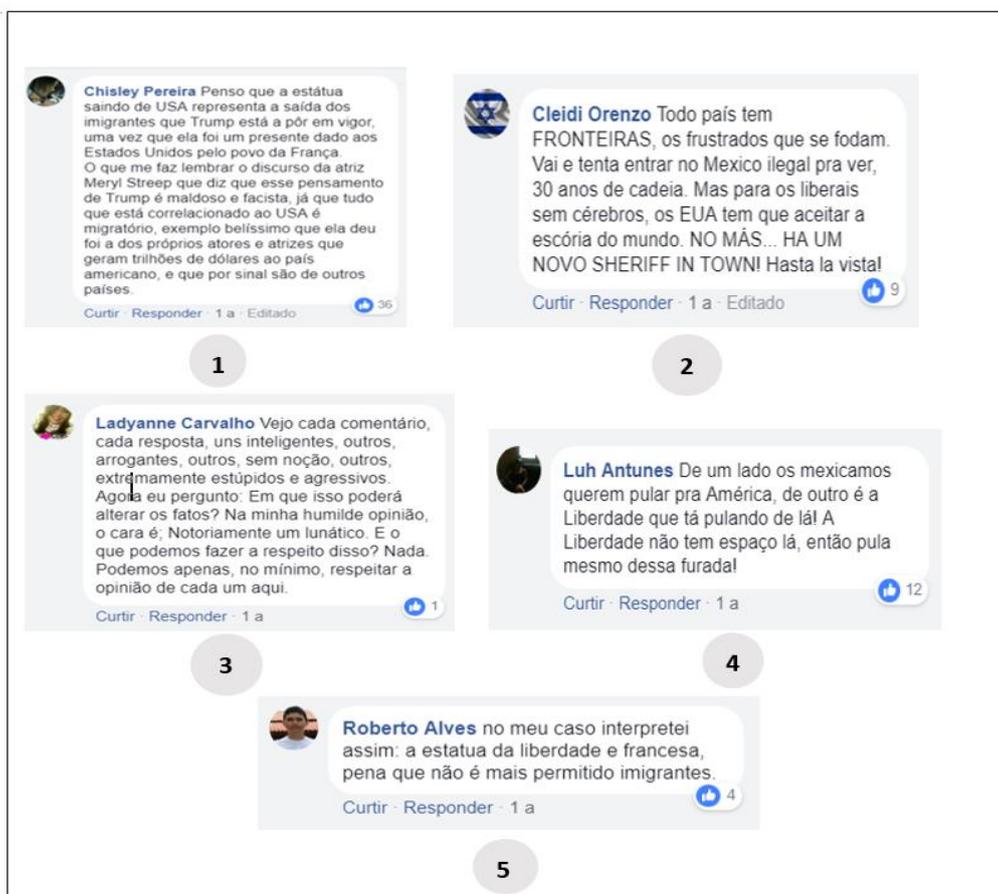
Fonte: www.facebook.com.br/humorinteligente

A charge acima foi publicada no dia 03 de março de 2017. Com relação as condições de produção dessa charge temos um cenário histórico, político e social americano onde o Presidente eleito dos Estados Unidos da América, Donald Trump, assina no dia 25 de janeiro o decreto presidencial para a

construção de um muro na fronteira entre os EUA e o México com o objetivo de evitar a entrada de imigrantes.

Antes de passarmos para a leitura da charge é útil destacar que, segundo Possenti (2014, p. 28), os textos humorísticos surgem a partir dos acontecimentos, mostrando que Linguagem e História andam juntas, uma vez que para a AD a noção de acontecimento é crucial para o discurso.

A estátua da Liberdade foi um presente dado pelos franceses aos Estados Unidos, representa a independência dos EUA e é o cartão postal para os turistas que visitam Nova Iorque. O humor crítico posto em jogo na charge mostra a famosa estátua pulando o muro, figurando assim uma fuga dos EUA. A compreensão e produção dos efeitos de sentidos por parte dos receptores só acontecerá se eles estiverem situados nas condições de produção. Feitas essas ponderações passemos, então, para os alguns comentários que surgiram após a publicação da charge:



Quadro feito pelo autor. **Fonte dos comentários:** www.facebook.com.br/humorinteligente

O sujeito do comentário 01 faz um longo comentário sobre a situação posta na charge. Ao dizer “penso” o sujeito particulariza o seu comentário. Esse verbo propõe a análise da charge por parte do “eu” dono do enunciado, logo, temos um ato de subjetividade.

Dentro do comentário 1 temos uma crítica ao posicionamento do presidente Trump frente aos imigrantes fundamento no discurso de Meryl Streep. Queremos aqui destacar a noção de vozes dentro de um enunciado.

Pucci (2013, p. 56) afirma que “cada um de nós, ao fazer uso da língua e se instaurar como sujeito do discurso, assume, com esses discursos, um comprometimento ou um embate, reproduzindo-os, questionando-os ou rechaçando-os em inúmeras variações de grau”. Trocando em miúdos, o sujeito enunciativo pode trazer para dentro do seu enunciado outros discursos a fim de questioná-los, reproduzi-los, combatê-los e fundamentar o seu posicionamento.

Mesmo usando a voz de Meryl Streep dentro do seu enunciado, ela marca a sua subjetividade. Ou seja, o enunciativo utiliza as vozes para fins específicos e se posiciona de maneira subjetiva.

No comentário 2 vemos um sujeito a favor do pensamento de Trump afirmando que no México também é proibida a entrada de imigrantes. Ele defende os EUA dizendo que o país não é a escória do mundo, e finaliza de forma irônica usando uma expressão em inglês “Sheriff in town!” e outra em espanhol “Hasta la vista!”. Representando assim os EUA e o México, os dois países em questão.

O sujeito do comentário 3 se posiciona frente aos outros comentários feitos pós-charge. Ele inicia analisando os outros posicionamentos e particulariza essa análise através da palavra “vejo” que carrega a marcação da subjetividade.

Ao lermos o seu comentário no todo percebemos que esse sujeito está mais voltado para uma harmonização entre as ideias, sugerindo, então, respeito mútuo entre as opiniões. O interessante é perceber que mesmo tentando promover uma “paz” entre as diferentes formas de pensar, esse sujeito não deixa de colocar a sua opinião.

Vemos isso quando ele diz “Na minha humilde opinião, o cara é Notoriamente um lunático”. Dentro das redes sociais o desejo de marcar a sua opinião é latente.

Há uma ambiguidade posta em jogo pelo sujeito do comentário 4. A palavra “liberdade” pode ser tomada dentro de dois vieses, sendo eles, no sentido da estátua e no sentido literal da palavra. Isso mostra-nos que os sujeitos possuem estratégias para argumentar e defender a sua opinião. Não temos marcas linguísticas de subjetividade no comentário 4, mas para Benveniste (2005) todo enunciado presume um sujeito que é subjetivo.

O sujeito do comentário 5 une a história da estátua da Liberdade, a política de Trump, a criação do muro e a situação dos imigrantes em um rápido enunciado. O pronome “eu” e o substantivo “pena” marcam a subjetividade desse sujeito. “Pena” funciona como uma apreciação do sujeito sobre a situação da estátua e dos imigrantes, trazendo também um tom irônico ao enunciado.

5 Considerações finais

As mídias digitais, e em especial, o *Facebook*, abrem espaço para a participação ativa dos usuários. Estes transportam as suas ideologias, vivências e subjetividade para o material que produzem.

Pautamos a nossa pesquisa no material linguístico (comentários) que os usuários faziam após a produção dos efeitos de sentido das charges a fim de analisar como eles constroem e marcam a subjetividade.

Percebemos que os elementos do gênero discursivo charge como a ironia, inteligência, sagacidade e humor, contribuem para a construção da subjetividade dos usuários que ao produzirem os efeitos de sentido comentam/enunciam marcando linguisticamente (ou não) a sua subjetividade.

Pelo fato de ser um gênero provocativo, desperta nos usuários o desejo de instaurar a sua subjetividade. Os usuários são provocados a dizerem o que pensam, e esse dizer carrega as marcas de suas as vivências, ideologia, subjetividade.

Os elementos do gênero charge também contribuem para a construção dos comentários. Os usuários se antenam para o humor crítico do gênero e revestem os comentários com ironia, sagacidade e trocadilhos humorísticos a fim de construir o seu posicionamento crítico.

Benveniste (2005) diz que a subjetividade está na linguagem e a linguagem é intrínseca ao homem. Sendo assim, em todas as esferas da comunicação o homem pautará as suas ações levando em consideração a sua subjetividade, a sua maneira singular de pensar, agir e atuar.

CHARGE GENRE: HUMOR AND THE CONSTRUCTION OF SUBJECTIVITY ON FACEBOOK.

Abstract: In view of the continuous advancement of technologies and the increasing access of society to the virtual world, and especially to social networks, this paper aims to analyze the construction of subjectivity in operation in societies from the content and meanings that are produced in the game of language in the media, as well as the senses given to them. For this, we take the discursive charge genre and the marks of the subjectivities of the subject enunciators published in Facebook through the comments. For methodological purposes, we collect the cartoons and the comments / statements published on the Intelligent Humor page. We base ourselves theoretically on Bakhtin (1997) for the genres of discourse, Araújo & Leffa (2016) for social network research; Rojo and Barbosa (2015) for Hypermodernity and Discursive Genres, Possenti (2014) for humorous language, Amaral et al (2013), Orlandi (2007), Brandão (2012) for Speech Analysis e Benveniste (2005) for subjectivity, among others. The results reveal that the components of the discursive genre, such as irony, intelligence, wit and humor, contribute to the construction of the subjectivity of users who, by producing the effects of sense, comment / enunciate linguistically (or not) their subjectivity. This proves Benveniste's (1958) thinking about language as the possibility of subjectivity.

Keywords: Charges. Speech. Subjectivity

Referências

ARAÚJO, Júlio; LEFFA; Vilson. (Orgs.) **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros discursivos. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estática da criação verbal**. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

BENVENISTE, Émile. **Da subjetividade da linguagem**. In: Problemas de Linguística Geral 1. 5ª ed. São Paulo: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Estruturas das relações de pessoa no verbo**. In: Problemas de Linguística Geral 1. 5ª ed. São Paulo: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. **A natureza dos pronomes**. In: Problemas de Linguística Geral 1. 5ª ed. São Paulo: Pontes, 2005.

BRANDÃO, Helena N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**. 7ª ed. São Paulo: Pontes, 2007.

POSSENTI, S. **Humor, Língua e Discurso**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PUCCI, Adriana. Bakhtin. IN. AMARAL, Luciano et al. **Estudo do Discurso: Perspectiva Teóricas**. São Paulo. Parábola Editorial, 2013.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

Data da Submissão: 31/10/2018

Data da Aprovação: 18/12/2018